

Nota de abertura

Entre 2013 e 2018, o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa organizou uma série de *Seminários do Fim do Mundo*. Durante vinte e quatro sessões, falou-se sobre a representação e o imaginário da catástrofe, o cancelamento do tempo, a ruína das civilizações, o desaparecimento da existência humana; convocaram-se perspectivas artísticas, filosóficas, teológicas, políticas; interrogaram-se poemas, filmes, bandas desenhadas, videojogos. Após um ano de intervalo (ou um descanso sabático...), urgia regressar a todas essas questões - para pensar o seu reverso.

Se a História humana regista tantas formas de destruição e esquecimento, se o fim é uma ameaça insistente e plural, de que modo(s), pelo contrário, se pode salvar o mundo? Que palavras, gestos e acções permitem enfrentar a catástrofe e o aniquilamento? Como podem as artes inventar modelos de resistência, resgatar memórias, inaugurar um novo universo? E, finalmente: por que razão deve o mundo ser salvo? Para responder, o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa organiza, desde Novembro de 2020 (em plena segunda vaga da pandemia de Covid-19), os *Seminários da Salvação do Mundo*, realizados *on-line* e transmitidos pelo *youtube*. Os libretos *Materiais para a Salvação do Mundo* publicam textos resultantes desses seminários abertos, ou afins.

Neste volume, Daniel Rodrigues pensa a ideia de salvação como «um gesto de *inscrição no tempo* - na escala concreta do quotidiano», mostrando como a não-inscrição (José Gil) e a afasia (Georges Didi-Huberman), típicas da nossa contemporaneidade, podem ser lucidamente combatidas pelo discurso poético - de Gastão Cruz a Manuel Gusmão, e tantas outras vozes -; denunciando o mesmo contexto de um mundo tragicamente disperso e desatento, Joana Rêgo encontra na arte uma «salvação da sensibilidade», uma salvaguarda do olhar contemplativo, e a possibilidade de uma reinvenção pessoal do mundo, num ensaio que cruza o discurso verbal com uma retrospectiva da sua própria obra pictórica; e Ariana Sanches interroga *Os Lusíadas* como experiência plural de salvação (memorial enciclopédico da cultura quinhentista, instrução moral, intervenção política, num momento em que o mundo entra na sua «derradeira idade»), sem deixar de avaliar a ideologia - salvífica? colonial? capaz de uma relativização subtil? - da épica camoniana.

Pedro Eiras